REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA E ACERVOS

ARTIGO

“A FORMIGUINHA PROFESSORA”, DE LÚCIA DI SANCTIS: ESTUDO FILOLÓGICO DE UM FAZER TEATRAL POLÍTICO-PEDAGÓGICO**“THE LITTLE ANT TEACHER”, BY LÚCIA DI SANCTIS: PHILOLOGICAL STUDY OF A POLITICAL-PEDAGOGICAL THEATRICAL PRACTICE**

ALINE de NOVAIS BRANDÃO

Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/FAPESB). E-mail: aline.novaisb@gmail.com

DÉBORA DE SOUZA

doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora da UFBA/PPGLitCult. E-mail: deboras_23@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo analisa a peça *A formiguinha professora* (1969), de Lúcia Di Sanctis, a partir de uma perspectiva crítico-filológica e interdisciplinar, com base na Crítica Textual e no diálogo com a Arquivística e a História Cultural. O estudo investiga três testemunhos da obra (1969, 1977, 1997), observando diferenças materiais e textuais, bem como seu processo de censura durante a ditadura Militar. Além da análise das materialidades documentais, são examinados textos de imprensa e registros de instituições de guarda, que ampliam a compreensão da circulação e recepção da peça. A pesquisa evidencia a relevância político-pedagógica da dramaturgia de Di Sanctis, que conciliou teatro e educação como instrumentos de reflexão social, resistência e democratização cultural.

Palavras-chave: Lúcia Di Sanctis; filologia; teatro político-pedagógico; crítica textual; censura.

ABSTRACT

This article analyzes the play *The Little Ant Teacher* (1969), by Lúcia Di Sanctis, from a philological and interdisciplinary perspective, drawing on Textual Criticism and its dialogue with Archival Studies and Cultural History. The study examines three witnesses of the work (1969, 1977, 1997), highlighting textual and material differences, as well as the censorship process during the Brazilian Military Dictatorship. In addition to the analysis of documentary materialities, press texts and archival records are explored, expanding the understanding of the play's circulation and reception. The research underscores the political-pedagogical relevance of Di Sanctis's dramaturgy, which integrated theater and education as tools for social reflection, resistance, and cultural democratization.

Keywords: Lúcia Di Sanctis; philology; political-pedagogical theater; textual criticism; censorship.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Temos atuado no processo de construção do Acervo Lúcia Di Sanctis (ALS) – um dos acervos que integra o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC), vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) –, subsídio para a produção de estudos crítico-filológicos de teatros negros na Bahia, no âmbito do plano de trabalho “A produção dramaturgical infantil de Lúcia Di Sanctis: filologia, acervo e memória”, parte do projeto de pesquisa “Estudo crítico-filológico de dramaturgias negras na Bahia: nos bastidores dos acervos Lúcia Di Sanctis e Nivalda Costa”, coordenado pela Profa. Dra. Débora de Souza (UFBA).

de acordo com Campos (2018, p. 37),

[...] os arquivos – e, evidentemente, os documentos que os compõem, são como gatilhos que acionam os processos de memória, pedras de toque de que se servem os indivíduos ou grupos sociais quando desejam recordar uma experiência passada.

O texto, como documento de arquivo, objeto de estudo da Crítica Textual, é interpelado pelo filólogo, o qual pode acionar gatilhos de memórias e produzir conhecimento histórico. Nos estudos filológicos, em uma perspectiva sociológica, o texto é uma tessitura construída a várias mãos e por diferentes fios, atravessado pelo sujeito escrevente, pela época e sociedade em que foi produzido. Não obstante, a circulação desse texto em diferentes âmbitos, como instituições de guarda, por exemplo, pode adicionar camadas de informações à medida que ocorrem alterações em sua materialidade, o que provoca novos sentidos.

Para além da leitura das condições de produção e transmissão dos textos, interessa também a investigação da recepção desses pela sociedade. Para a leitura dessas dimensões, todavia, especialmente ao eleger o texto escrito para o teatro como objeto de estudo, é de extrema importância a leitura em rede, junto a outros documentos que auxiliam na leitura e interpretação da produção teatral.

Nesse sentido, propomos uma análise de parte da produção intelectual dramaturgical de Lúcia Maria Dias dos Santos, Lúcia Di Sanctis (30 de junho de 1946 – 01 de julho de 2013), personalidade que figurou na cena teatral da Bahia, sobretudo, nos anos de 1960 e 1970, de maneira múltipla, como dramaturga, diretora, atriz e produtora. Formada em direção Teatral pela Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (ETUFBA) e Licenciada em Artes pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ela desempenhou, também, a função de professora no Colégio de Aplicação da UFBA, no curso de Formação de Ator, de nível médio, na ETUFBA, no Instituto Central de Educação Isaias Alves (ICEIA) e na Escola Parque.

Selecionamos para estudo o texto “A formiguinha professora”, de Sanctis, levando em consideração o diálogo existente entre o teatro e a educação na constituição de uma arte de viés político-pedagógico. Adotam-se aporte teórico

da Filologia, em sua relação interdisciplinar, e procedimento metodológico da Crítica textual, na leitura do referido texto, que tem sua tradição constituída por três testemunhos datados de 1969, 1977 e 1997, provenientes de diferentes instituições de guarda, sendo elas a Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal (Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), Série Teatro) (COREG-AN-DF (DCDP)), o Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia (NAEXB) e a Biblioteca da Creche da UFBA (BCUFBA), respectivamente.

É importante ressaltarmos que o teatro foi – e ainda é – utilizado para fins variados: como ferramenta de comunicação, conexão com o divino, transmissão de morais cristãs, entretenimento ou manifesto. Dessa forma, também pode ser utilizado para suscitar reflexões acerca de desigualdades que persistem em nossa sociedade e para incentivar a organização popular em torno de seus direitos.

FILOLOGIA E SUA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR NO ESTUDO DA DRAMATURGIA DE LÚCIA DI SANCTIS

Na Filologia, como Crítica Textual, elegemos o texto em suas diferentes materialidades – seja ele manuscrito, datiloscrito, impresso ou digitoscrito – como objeto de estudo, investindo em práticas de leitura, interpretação e edição (Borges; Souza, 2012). Compreendemos os textos como representações históricas, linguísticas e culturais de uma época e sociedade (Carvalho, 2003).

Por meio deste exercício crítico, o(a) pesquisador(a) ao trabalhar com esses textos os transforma em documento, testemunho e monumento (Le Goff, 1990), constrói narrativas e atualiza memórias. Assim, em diálogo com a História Cultural, ao estudar as condições de produção, transmissão e/ou recepção de textos em suas leituras, o(a) filólogo(a) pode produzir documentos-monumentos e problematizar narrativas historicamente marginalizadas.

Também construímos uma relação interdisciplinar com a Arquivística. Essa é uma área que nos concede conhecimentos e métodos para a identificação e organização sistemática de documentos em arquivos ou acervos (Bordini, 2012). A Arquivística nos auxilia em relação ao trabalho com as fontes documentais, nesse caso, em especial, textos escritos para o teatro, textos da imprensa e documentação censória.

Por meio de metodologia interdisciplinar, no supracitado plano de trabalho, realizamos diferentes atividades de pesquisa bibliográfica, discussão de textos, pesquisa documental em instituições de guarda, digitalização de documentos, organização do material em pastas de arquivo do *Google Drive*, elaboração de ficha-catálogo e estudo crítico-filológico acerca de parte da produção dramaturgical de Lúcia Di Sanctis, lendo o texto teatral na relação com outros documentos, principalmente, da imprensa, da Censura e do espetáculo.

Para ampliar a documentação existente no ALS, proveniente do NAEXB e da COREG-AN-DF (DCDP), realizamos pesquisa documental. No setor de documentação e Pesquisa

do Teatro Castro Alves, encontramos doze (12) recortes de jornais referentes ao espetáculo “Eu quero é fazer blup-blup com você”, do qual Lúcia Di Sanctis participou como diretora; uma (01) foto da peça “O gato de botas”, adaptação de Sanctis, e dois (02) textos com informações sobre os profissionais envolvidos neste espetáculo; o cartaz da peça “A formiguinha professora”, na qual Sanctis assina como dramaturga e diretora. Esses documentos foram digitalizados por funcionários do referido setor e enviados para nós por e-mail.

No Teatro Vila Velha, não foram encontrados documentos acerca da produção teatral em estudo; quanto à Secretaria da Educação do Estado da Bahia, até o momento, não obtivemos retorno; na BCUFBA, por sua vez, encontramos um (01) testemunho impresso da obra “A formiguinha professora”, publicado pela Associação dos Professores Universitários da Bahia (APUB), em 1997.

No setor de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB), a partir da pesquisa documental realizada aos periódicos “Jornal da Bahia” (do período de setembro, outubro e novembro de 1968) e “A tarde” (de setembro, outubro e novembro de 1968; janeiro, fevereiro, março, abril e maio de 1969), foram encontrados um total de cem (100) textos de imprensa (nas espécies documentais roteiros de divulgação, nota e notícia). Desses, quarenta e oito (48) são especificamente sobre Lúcia Di Sanctis e/ou sua produção teatral (“A formiguinha professora”, “O ratinho astronauta”, “Pinóquio, Papai Noel Colorido”, “Soraia Posto Dois” e uma peça infantil não nomeada), enquanto os demais nos ajudam a compreender a sociedade e o contexto histórico em que suas obras foram produzidas e circularam.

Esses textos de imprensa apresentam informações diversas sobre as produções teatrais do período, considerando a escrita dramaturgical e a montagem dos espetáculos, o contexto ditatorial, a atuação dos estudantes da ETUFBA à época, dentre outras. Além disso, há registro quanto ao título da peça, autoria, direção, elenco, data e local de encenação dos espetáculos. Há ainda críticas teatrais que nos ajudam a melhor compreender o processo de recepção dessas obras na sociedade. Sendo assim, os textos de imprensa são essenciais para uma leitura mais abrangente do período, da atuação da artista e do próprio cenário teatral à época.

Todo o material encontrado foi digitalizado com o auxílio do aplicativo *Microsoft Office Lens* (escolhido por ser gratuito e intuitivo, possibilita recortar, melhorar a iluminação e nomear a imagem capturada), identificado segundo a metodologia desenvolvida pela Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC) (Borges *et al*, 2021) e armazenado em pasta do *Google Drive* para posterior catalogação e inserção no ALS. Esses documentos podem ser usados como subsídios para diversos estudos, sobretudo, nas áreas de Letras, Teatro e História.

O teatro está presente entre os humanos desde a era primitiva, tempo em que foi usado como ferramenta para

a comunicação sobre atividades de sobrevivência, como a caça e a coleta, por exemplo. Mais tarde, o mesmo se viu aplicado a diversas finalidades, tais como a transmissão de conhecimento e de lições morais, a catequização, o entretenimento (Hansted; Gohn, 2013) e, principalmente, na contemporaneidade, a luta contra as desigualdades sociais.

No período da ditadura Militar, mesmo com a incidência da censura e da sociedade conservadora, alguns artistas resistiram desenvolvendo os seus trabalhos, como é o caso de Lúcia Di Sanctis, que, sobretudo, no período de 1969 a 1979, produziu textos para o teatro infantil em uma perspectiva político-pedagógica, contribuindo para a consolidação do Teatro Negro, terminologia “[...] que pode tanto ser aplicada a um teatro que tenha a presença de atores negros, quanto aquele caracterizado pela participação de um diretor negro, ou ainda, de uma produção negra” (Douxami, 2001, p. 313).

“A FORMIGUINHA PROFESSORA”: O TEATRO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE SANCTIS

A cena teatral da Bahia nos anos 1960 e 1970 foi objeto de interesse dos críticos de periódicos que circulavam na sociedade da época. Seja através das peças adultas seja das infantis, o Teatro Castro Alves, o Teatro Vila Velha e a ETUFBA foram palco de trabalhos de, entre outros nomes, Lúcia Di Sanctis. Nascida e criada no bairro da Gamboa, na periferia de Salvador, Lúcia Maria Dias dos Santos, mais tarde Lúcia Di Sanctis (Ribeiro, 2021), se graduou em Direção de Teatro pela UFBA e em Licenciatura em Artes pela Universidade do Estado da Bahia (Sanctis, 1997). Ela construiu uma carreira abrangente, atuando no meio artístico como dramaturga, diretora, adaptadora e atriz.

Lúcia Di Sanctis também foi responsável pela criação do grupo Teatro Negro da Bahia (TENBA), no ano de 1968, junto a Robério Marcelo, Eufelix Ferreira e Athenodoro Santana (Souza, 2022), inspirando-se no Teatro Experimental do Negro (TEN). O TEN, grupo fundado na cidade do Rio de Janeiro em 1944, por Abdias do Nascimento e outros intelectuais/artistas, utilizou-se do teatro experimental, aliado à mobilização da classe negra popular e a ações político-educativas, para a valorização da cultura e estética africana e afrodescendente e para a luta contra a discriminação racial (Douxami, 2010).

durante a ditadura Militar, no entanto, o mito da democracia racial e do país unificado se consolidou. Os reflexos do passado colonial do Brasil e a repercussão de ideias cunhadas pelo eurocentrismo vieram à tona (Gonzalez, 1982). O Teatro Negro se viu desarticulado, com poucas possibilidades de trazer à tona a discriminação racial reverberada durante os séculos, especialmente diante da censura exercida sobre as produções dramaturgical. Dessa forma, o TENBA teve um fim precoce em função de críticas da sociedade conservadora, publicadas pelos jornais da época (Douxami, 2001).

Considerando o passado do teatro no Brasil, em que a presença de artistas negros na cena era cerceada, sendo esses inclusive substituídos por pessoas brancas pintadas de negro (Nascimento, 2004), assim como a presença massiva de diretores brancos nos palcos nas décadas de 60 e 70, destacando-se nomes como João Augusto, Orlando Sena, deolindo Checucci e Manoel Lopes Pontes, por exemplo, a atuação de Sanctis transcende as barreiras impostas pela discriminação racial historicamente perpetuada.

É preciso destacar ainda a participação de Sanctis na fundação da empresa “Lúcia Di Sanctis Produções” (Souza, 2022), no Plano Piloto, Classe Teatral Organizada (CLATOR), coordenada por João Augusto, Carlos Petrovich e Jesus Chediak (Leão, 2009), e em mobilizações estudantis, inserida no diretório Acadêmico da ETUFBA, como ilustra a notícia apresentada no quadro abaixo (Cf. Quadro 1), veiculada no periódico “A Tarde”, o que nos confirma sua perspectiva de luta para conquista de direitos e, por conseguinte, profissionalização dos artistas e professores de teatro:

Quadro 1 - Fac-símile de notícia sobre reivindicação de alunos da ETUFBA (à esquerda) e transcrição (à direita)

TEATRO

ALUNOS DA ETUFBA VÃO REIVINDICAR

Os alunos matriculados na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia e os já diplomados vão encetar um movimento visando a melhores perspectivas para os que concluem cursos ali. Dentre as reivindicações a pleitear está a de um estudo mais aprofundado, por parte da Secretaria e do Conselho de Educação do Estado, quanto aos critérios, até agora adotados, na contratação de professores de teatro para os colégios oficiais. Esta é uma reivindicação mais do que justa, pois sabe-se que os alunos ali diplomados, são preteridos por pessoas que, muitas frequentam uma Escola de Teatro. Até agora, a indicação é baseada em razões e motivos que ignoramos. A que atribuir tal fato? Será que julgam que os diplomados pela E.T.U.F.Ba. não têm capacidade? Já é tempo, pois, de os mesmos reagirem ao fugidio da passividade em que estão dando "atestados de óbito" à sua capacidade. Vão o movimento, ainda, impõe da Secretaria da Educação, tais critérios para a contratação de professores de teatro, concorre ou outras medidas. Enfim, irão pugnar por um direito que lhes assiste e que lhes devia ser assegurado por lei.

Como se sabe, o mercado de trabalho para os que se formam em teatro, na Bahia, quase não existe. Uma das poucas oportunidades, é de serem contratados pelo Estado para o ensino nos colégios oficiais. Por que deixar que "aventureiros" lhes roubem? Além do mais a confusão reinante, adotando cada um, sua maneira de ministrar aulas, muitas vezes eliminando coisas que desconhecem totalmente, como técnica vocal, diction, expressão corporal, matéria exigidas numa Escola de Teatro e, não, num curso destinado a

despertar o interesse pelo teatro. Tal confusão vem tornando o ensino dispersivo e desorientado. O silêncio, tanto da parte dos alunos, como da própria direção da Escola, é grave e não o entendemos. Consideramos que a medida mais acertada para a solução deste problema, é que os alunos, formados, solicitem ao Conselho da Educação que fiscalize a contratação dos professores para a matéria, dando-se preferência aos candidatos que apresentem o certificado de conclusão de curso.

Outra reivindicação, que será feita, é no sentido do fim do mandato do Curso de Professorado, para os que têm diploma de um dos cursos de nível superior, ainda no corrente ano, o que, aliás, já é uma promessa do Reitor Roberto Santos.

Os assuntos devem ser estudados com mais critério e imparcialidade, a fim de que não sofram desilusões maiores os que se diplomam em teatro.

Na próxima semana, em data que oportunamente anunciaremos, realizar-se-á uma reunião dos interessados no assunto, podendo os mesmos desde já procurar Lúcia di Sanctis, no diretório acadêmico da E.T.U.F.Ba., a respeito da data e do local dessa reunião.

Cinquentenário da O. I. T.

Oto Américo Muniz, uma das promessas jovens do teatro baiano.

Fonte: Barreto, 17 jan. 1969. BPFB.

Para além da múltipla atuação no teatro, como estudante e depois profissional, Sanctis também se dedicou à atividade docente ao longo de sua vida, participando da formação de inúmeros cidadãos, artistas, uma vez que

[I]jecionou na Escola de Aplicação da UFBA até a sua extinção e, na [E]scola de Teatro da UFBA, no curso Formação de Ator, durante 11 anos. Professora do iCEiA durante 25 anos [...] [e] professora do Setor Artístico da Escola Parque. Presidente da Associação dos Produtores de Teatro da [B]ahia durante 10 anos [...] (Sanctis, 1997, contracapa).

A artista-professora ainda “[c]riou e dirigiu o [G]ruppo [F]olclórico Katendê, sendo responsável pelo 1º Festival de Música Afro-Baiana, no Teatro iCEiA, por ela administrado durante 3 anos” (Sanctis, 1997, contracapa), participou de atividades sindicais junto à APUB, na representação dos docentes de 1º e 2º graus, e candidatou-se a vereadora de Salvador por três vezes, nesse período (Sanctis, 1997).

Além disso, integrou a Academia de Letras e Artes de Alagoinas (ALAdA), provavelmente, entre 2001 e 2005, conforme nos informou, em dezembro de 2023, Belmiro Deusdete, atual diretor Administrativo e financeiro da instituição. A ALAdA foi fundada em 22 de junho de 2001, por iniciativa de professoras da UNEB, de acordo com o referido diretor.

Souza (2022), em seu artigo “Materialidade, texto e censura: leitura crítico-filológica do texto a formiguinha professora de Lúcia Di Sanctis”, apresenta uma relação dos textos teatrais, e seus respectivos testemunhos, conservados no ALS, procedentes do NAEXB e da COREG-AN-dF (dCdP): “A formiguinha professora” (2 testemunhos datados de 1969 e 1977); “A oncinha peteleca” (3 testemunhos, 1973); “As aventuras da Mônica” (1 testemunho, 1979); “O gato de botas” (2 testemunhos, 1978); “O peixinho que não sabia nadar” (2 testemunhos, 1972); “O pequeno polegar” (4 testemunhos, 1969); “O ratinho astronauta” (1 testemunho, 1970); “O ursinho e a máquina do tempo” (2 testemunhos, 1971); “Pinóquio” (3 testemunhos, 1976).

Com o objetivo de analisar o fazer teatral de Sanctis, que entrelaçou, em sua dramaturgia (e em sua vida), as perspectivas teatral e educativa, elegemos como objeto o texto da peça “A formiguinha professora”, primeira de sua autoria, encenada, em 1969¹ e depois em 1977², no Teatro Castro Alves, por meio da qual obteve destaque na cena baiana como dramaturga (Barreto, 1969). A tradição desse texto é composta por três (3) testemunhos, sendo o primeiro datado de 1969, oriundo do COREG-AN-DF (dCdP) (FP69(T1)); o segundo, datado de 1977, arquivado no NAEXB (FP77(T2)); e, o terceiro, encontrado na BCUFBA, datado de 1997 (FP97(T3)).

O testemunho FP69 é reprodução de um datiloscrito, com 24 folhas. Há a presença de um carimbo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), em formato retangular, com rubrica em tinta azul, ao centro, à folha 1. O texto é numerado à margem superior direita; à esquerda, há um código do Arquivo Nacional, em todas as folhas. Apresenta ainda marcas de perfuração para fins de acondicionamento, à margem esquerda.

O testemunho FP77 é um datiloscrito de 18 folhas. Nele aparecem dois carimbos: um da SBAT, em formato circular e contendo rubrica em tinta azul ao centro, localizando-se na parte inferior esquerda em todas as folhas do documento; e outro da dCdP do Departamento de Política Federal (dPF), em formato retangular e tinta azul, localizado no canto superior direito, também em todas as folhas. É notável, ainda, à folha 1, a inscrição manuscrita **BA** em tinta azul. O suporte papel encontra-se amarelado em função do tempo.

Conforme Souza (2022, p. 9, grifo nosso), os referidos testemunhos

[...] fazem parte do processo de Censura da peça e apresentam materialidades textual e sociocultural distintas no que concerne (i) a carimbos, marcas de perfurador, clipe e grampo, inscrições manuscritas, resultantes, em sua maioria, da movimentação e intervenção próprias do processo censório, de acordo com os trâmites em vigor à época, e do modo de armazenamento do documento; (ii) a intervenções autorais, reescrita, modificações quanto à indicação do nome de personagem, substituição, supressão, acréscimo e/ou deslocamento de palavras e expressões, inversão de trechos, pontuação, distribuição de réplica, síntese de falas, escolha lexical etc.; e revisão, correções correspondentes a lapsos de grafia, datilografia e pontuação.

Nesse período, o Brasil vivenciava uma ditadura civil-militar, que perdurou entre 1964 e 1985, na qual as artes, em especial o teatro, sofreram grandes repressões da censura institucionalizada. Todos os textos produzidos deveriam, obrigatoriamente, ser encaminhados ao Serviço de Censura

de Diversões Públicas (SCdP), posteriormente, dCdP. A partir da avaliação realizada por censores, então, o texto seria autorizado – ou não – à encenação, podendo ser indicados cortes e a classificação etária adequada para acesso ao espetáculo.

Sendo assim, o supracitado processo censório da peça “A formiguinha professora” possui um conjunto de dezenove (19) documentos relativos àqueles dois momentos em que o texto foi enviado para avaliação. Nos laudos/pareceres, documentos em que os censores expõem sua opinião, o texto foi considerado apto à encenação e elogiado quanto a sua relevância para a infância, pois “[...] ajuda a desenvolver o raciocínio da criança [...]” (Laudo..., 1969a), “[...] estimula o respeito pelos valores familiares, sentimento de fraternidade e enaltecimento para as boas ações [...]” (Laudo..., 1969b).

O testemunho FP97, por fim, encontrado recentemente na BCUFBA, é um impresso com o total de 30 páginas.

Nele, a história também é apresentada em conto (p. 7-12), além de texto teatral (p. 13-29), o que merece, em outro momento, um estudo comparativo. Apresenta, à página 1 (folha de rosto), um carimbo da BCUFBA, em formato circular e tinta azul. À página 2 (ficha catalográfica), encontram-se dois carimbos da BCUFBA, em tinta preta, ao ângulo superior, à esquerda, com anotações manuscritas a lápis e à caneta azul.

Este livro é o primeiro da “Série APUB ARTE”. O editor do livro, Jonicael Cedraz, no texto “Apresentação”, explica que nessa Série serão publicados

[...] cadernos estimuladores da expressão estética dos docentes, na perspectiva da sua inserção no cotidiano da vida acadêmica e dos embates que estes vêm travando na Universidade e nacionalmente, em defesa da Arte/Educação, da Universidade pública e dos direitos sociais ameaçados pela política neoliberal aplicada pelo atual governo (Cedraz, 1997, p. [3]).

O editor informa ainda que “[...] A Formiguinha Professora, de Lúcia [d]i Sanctis, contribui, significativamente para a arte e a educação, em particular, no campo infanto-juvenil, na perspectiva formadora da cidadania e da democratização da cultura” (Cedraz, 1997, p. [3]).

No texto “Sobre a autora”, de autoria de Robério Marcelo (diretor administrativo da APUB, à época, e amigo da autora), há informações relevantes quanto à personalidade da estudante de teatro Lúcia Maria Dias dos Santos, à criação do nome artístico “Lúcia Di Sanctis” e ao contexto de publicação do livro. Leiamos:

[n]o ano letivo de 1966, Lúcia Maria Dias dos Santos entrou para a Escola de Teatro da UFBA para cursar direção de Teatro. E todas as tardes, lá estava ela, quieta, nas aulas dos professores-artistas – eram poucos, porém notáveis e observando, de longe, o intenso movimento dos alunos ‘alunos-artistas’.

¹Elenco: Maria Idalina, Cláudia Virgínia de Brito, Luiz Alberto Viana, Jackson Santa Bárbara, Ariston da Silveira, Lúcia Margarida e Hélio Agapito. Cenografia: Leonardo Alencar. Produção: Lúcia Di Sanctis (Franco, 1994, p. 178).

²Elenco: Jackson, Dety, Jô Melo, Yara Gitirana, Nadson, Antonio Livino. Produção: Lúcia Di Sanctis (Franco, 1994, p. 250).

[...]

Mas Lúcia também gostava de contar suas histórias e, nós, seus colegas, começamos a dar-lhe a maior força para escrever seus primeiros textos. Antes do texto, uma outra resolução: resolvemos ‘batizar’ e transformar Lúcia Maria Dias dos Santos em LÚCIA DI SANCTIS.

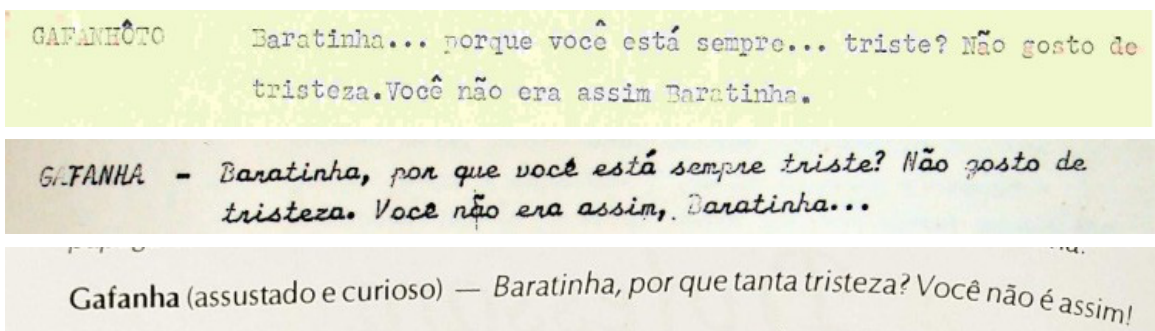
[...]

Este texto que inicia a série APUB ARTE, é para nós e todos aqueles comprometidos com a educação, o melhor presente que poderíamos receber no dia do Mestre (Marcelo, 1997, p. [5]).

Quanto ao cotejo dos testemunhos, no que se refere ao seu conteúdo, apresentam poucas distinções entre si. São notáveis adequações/alterações próprias dos movimentos de revisão e de reescrita empreendidos pela dramaturga, quanto a:

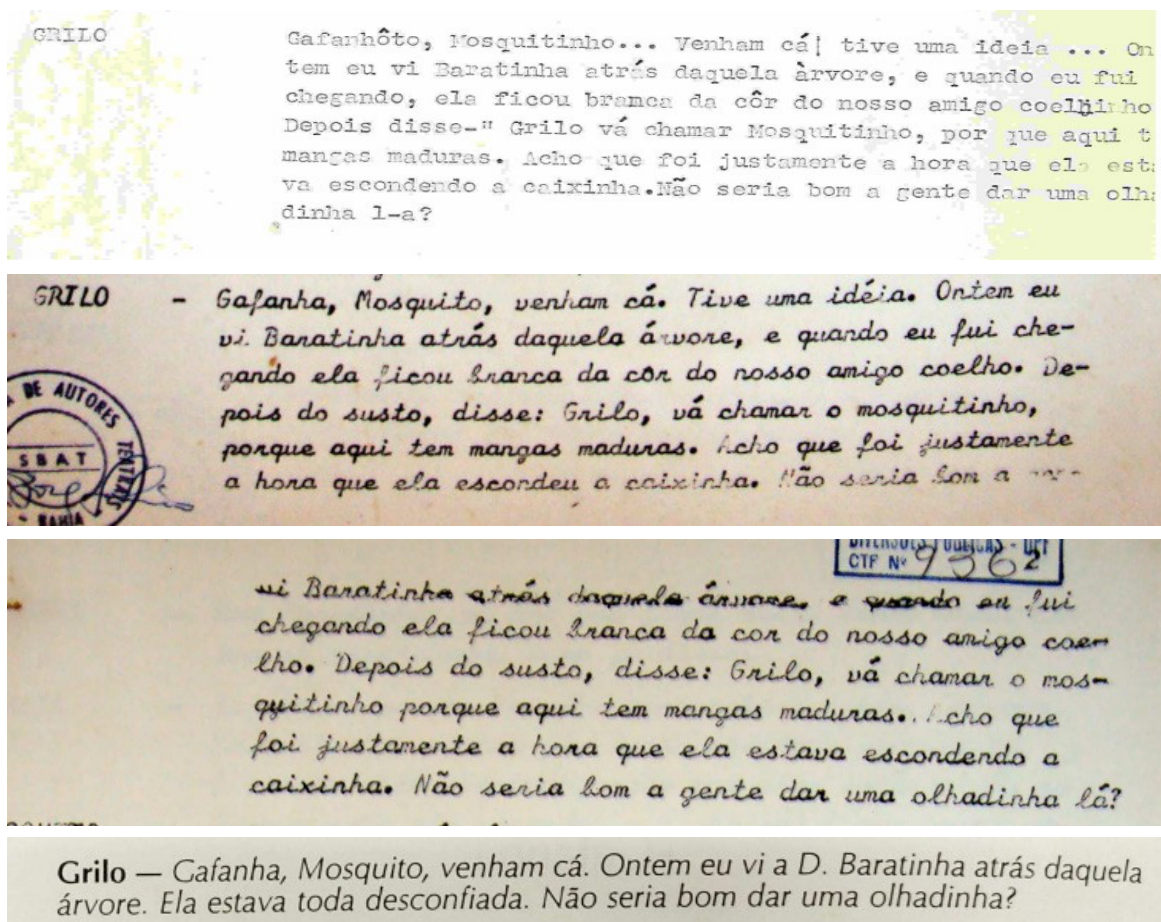
- a) pontuação (Cf. Figuras 1, 2 e 3);
- b) apelido usado ao tratar das personagens ou ao introduzir suas falas (Cf. Figuras 4, 5 e 6);
- c) escolha de pronomes (Cf. Figuras 7, 8 e 9);

Figuras 1, 2 e 3 - Mudanças na pontuação em FP69, FP77 e FP97

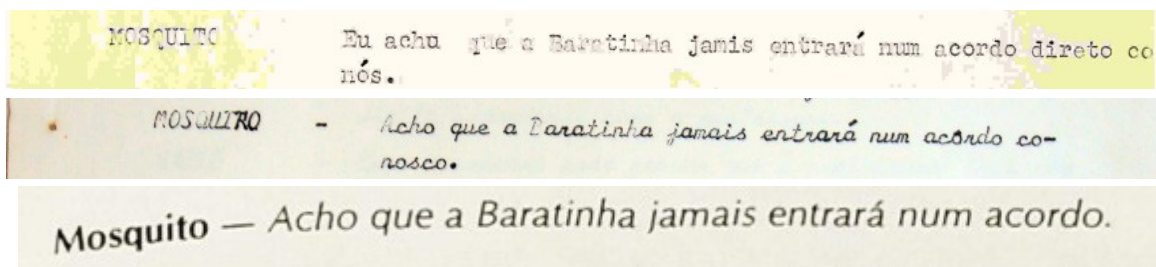


Fonte: Sanctis, 1969, f. 1; 1977, f. 1; 1997, p. 14, respectivamente.

Figuras 4, 5 e 6 - Mudanças no nome das personagens em FP69, FP77 e FP97



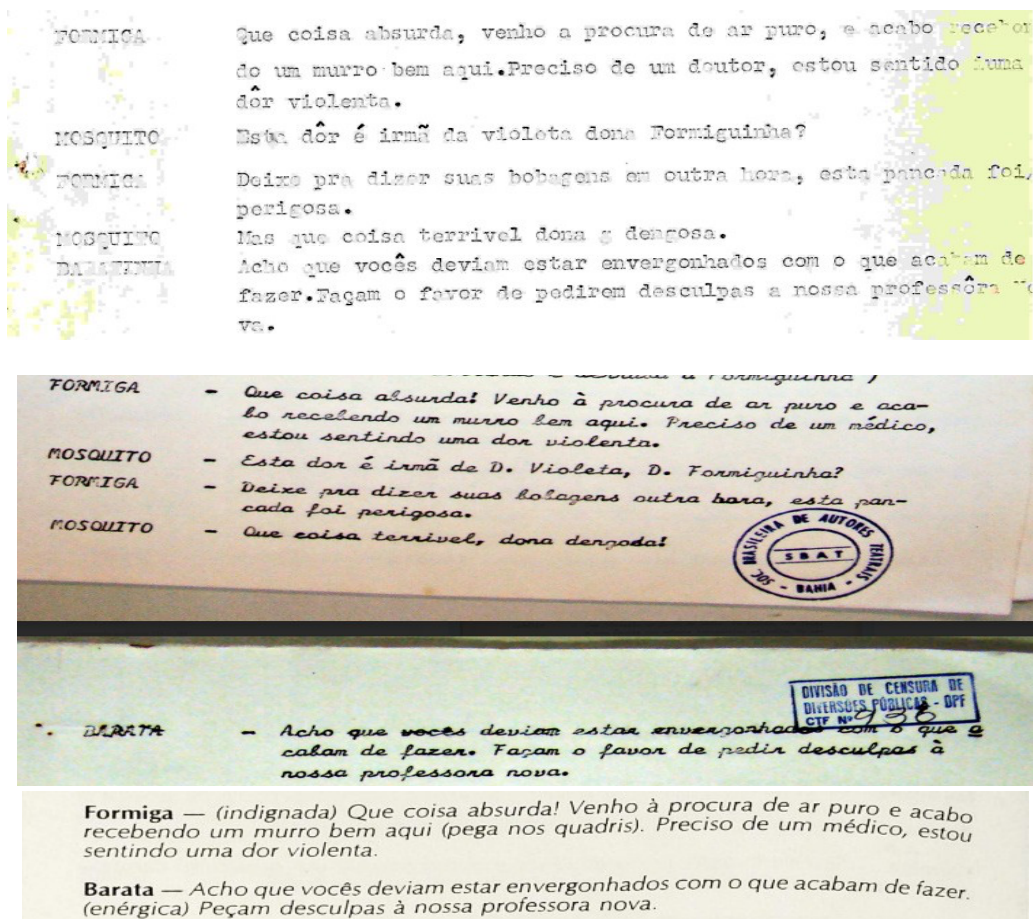
Fonte: Sanctis, 1969, f. 2; 1977, f. 1-2; 1997, p. 14, respectivamente.

Figuras 7, 8 e 9 - Mudanças nas escolhas gramaticais em FP69, FP77 e FP97

Fonte: Sanctis, 1969, f. 2; 1977, f. 2; 1997, p. 15, respectivamente.

Para além das mudanças supracitadas, ao confrontar os testemunhos, notamos que em FP97 Sanctis empreendeu supressões de partes do texto e realizou sínteses de falas (Cf. Figuras 10, 11 e 12), provavelmente, considerando especificidades, como formatação e quantidade de páginas, da

publicação em livro. Além disso, ela inseriu didascálias relacionadas, em sua maioria, à expressão, *performance* e movimentação teatral, orientando a atividade de leitura silenciosa, leitura compartilhada e/ou montagem do espetáculo por parte de professores e/ou estudantes.

Figuras 10, 11 e 12 - Supressão de partes do texto em FP69, FP77 e FP97

Fonte: SANCTIS, 1969, f. 4; 1977, f. 3-4; 1997, p. 16, respectivamente.

“A formiguinha professora” conta a história de quatro bichinhos, Baratinha, Grilo, Mosquitinho e Gafanhoto, que sentem a necessidade de estudar, entretanto, não há escolas próximas, apenas na cidade. Com a ajuda da personagem Formiguinha Professora, que está de férias no campo, os bichinhos conseguem realizar o sonho de construir uma escola (Sanctis, 1969, 1977, 1997).

A partir do título, que chama atenção para a personagem em torno da qual circulará a trama, já podemos prever a sua importância para a vida dos insetos. A escolha de Sanctis, ao eleger uma formiga como personagem principal, não foi desprezível. As formigas são conhecidas por seu comportamento sociável e organizado, através do qual trabalham para o progresso de sua comunidade.

No início da história, a Baratinha conversa com os amigos sobre o desejo de se casar com um jovem educado, ao contrário deles, ao que o jovem Grilo responde: “Ora, Baratinha, não fale assim da gente. Nós não somos educados, porque não temos uma escolinha para estudar” (Sanctis, 1997, p. 14). Aqui, a dramaturga expõe a falta de acesso à escolaridade em algumas regiões, como na zona rural, no contexto da narrativa, mas também nas periferias.

A Formiguinha Professora aparece como orientadora do caminho que os bichinhos trilhariam para viabilizar o processo de escolarização: “Para se ter uma escola, é preciso dinheiro. Só o governo tem condições para construir a casa e comprar as mesas, cadeiras, quadro negro e um montão de outras coisas” (Sanctis, 1969, p. 9; 1977, p. 8; 1997, p. 19).

Além disso, mesmo diante do conflito com o Formigão, vilão da história, a professora tenta mediar a situação, instruindo a união e o diálogo em lugar da violência: “O que é isto, Grilo, vamos ouvir o sr. Formigão Sáúvo” (Sanctis, 1997, p. 28). No final da história, até mesmo o Formigão quer frequentar a escolinha, o que a Formiguinha Professora permite ao mesmo passo em que aponta o lema adotado a partir de então: união, compreensão, amor e paz.

Os quatro pilares firmados pela Formiguinha como guias da recém-inaugurada escola para insetos são os mesmos que devem ser estimulados nas escolas do mundo real. A conciliação das diferenças através do diálogo é uma ferramenta efetiva no processo de ensino-aprendizagem e a união popular é o primeiro passo na luta pela efetivação de políticas públicas.

Ademais, o teatro seguiu historicamente com o seu caráter de aproximar ideias e pessoas. A partir de “A formiguinha professora”, Sanctis discorre sobre a importância do trabalho coletivo e da organização social em prol do acesso aos direitos:

Formiga: [...] Como posso ensinar vocês, sem ter uma escolinha?

Gafanha: O que a gente faz para construir uma?

Formiga: Para se ter uma escola, é preciso dinheiro. Só o governo tem condições para construir a casa e comprar as mesas, cadeiras, quadro negro e um montão de outras coisas.

Barata: Formiguinha, eu tenho dinheiro na caixinha.

Grilo: Por que você não empresta pra [sic] nós este dinheiro?

[...]

Barata: Acho melhor dar o dinheiro pra [sic] vocês. Ouvi dizer que a cidade está sempre sem verbas.

Gafanha (contente): Ôba, a Baratinha ofereceu o dinheiro da caixinha! (Sanctis, 1997, p. 19).

Sanctis, que conseguiu ascender na cena baiana ao construir (e conciliar) uma carreira artística e uma carreira docente, acreditou na educação como uma possibilidade de criação de oportunidades e, além disso, viu o teatro como instrumento pedagógico. Hansted e Gohn (2013) constroem uma perspectiva histórica dos seu uso com outras funções para além do entretenimento, assim como o que aquela artista fazia.

As referidas autoras afirmam que a atividade teatral remonta às próprias origens do homem. inicialmente, ele foi utilizado para comunicação acerca das atividades de sobrevivência e para convocação das divindades. Mais tarde, na Grécia Antiga, para a educação e para o ensinamento de lições morais (Hansted; Gohn, 2013).

A igreja Católica, na idade Média, também se apropriou do fazer teatral para a propagação dos ensinamentos bíblicos. Já que a palavra escrita era conferida somente aos membros da igreja, o teatro tinha o papel de torná-la acessível ao povo (Hansted; Gohn, 2013). Além disso, utilizou-o como estratégia de catequização de povos originários em processos de colonização (Leal; Rossi, 2020).

Confirmando a potência do teatro atrelado à educação, Leal e Rossi (2020) traçam o caminho para a inclusão do teatro nos espaços escolares. No passado, utilizado somente em eventos festivos nas instituições de ensino, o teatro se institucionalizou a partir de 1971, com a Lei 5.692, por meio da qual se “[...] instituiu o ensino da educação artística [...] em todo o território nacional da 5ª série do 1º grau à 3ª série do 2º grau [...]” (Leal; Rossi, 2020, p. 6).

Na contemporaneidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento responsável por regulamentar o ensino das áreas de conhecimento nas instituições de ensino públicas e privadas, estimula o fazer teatral, argumentando que esse “[...] possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção [...]” (Brasil, 2018, p. 196).

Sendo assim, Lúcia Di Sanctis repercutiu, por meio do texto “A formiguinha professora”, sua perspectiva sobre a responsabilidade dos educadores. A autora destacou, na criação da personagem Formiguinha, a importância do professor na sociedade, sendo ele mais do que um transmissor de conhecimentos, um orientador e articulador.

Ao mesmo passo, Sanctis possibilitou reflexões sobre a importância da democratização do conhecimento. Visto que a educação é uma ferramenta para a minimização de

desigualdades sociais, essa deve circular em ambientes que vão além dos centros urbanos, especialmente naqueles em que urge a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aporte teórico da Filologia e o procedimento metodológico da Crítica textual possibilita-nos uma leitura entrelaçada da produção dramatúrgica da autora. Ao atuar paralelamente como artista plural e como docente, Lúcia Di Sanctis produziu uma dramaturgia com forte viés político-pedagógico, como visto em “A formiguinha professora”.

Mesmo em um contexto histórico marcado por intensa desigualdade racial e cerceamento das produções artísticas, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, Sanctis buscou desenvolver seu projeto artístico, estético e ideológico, de cunho formativo, desempenhando o papel de produtora, escritora, dramaturga, diretora e professora, ocupando diferentes espaços de poder na sociedade, à época.

Assim, estudar a produção teatral de Lúcia Di Sanctis, considerando sua atuação e rede de sociabilidade, buscando dar a conhecer e a ler parte de sua dramaturgia, significa atuar no processo de (re)construção da memória dos teatros negros na Bahia, e, por conseguinte, de revisão da historiografia teatral.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Francisco. Alunos da ETUFBA vão reivindicar. **A Tarde**, Salvador, p. 8, 17 jan. 1969.

BORDINI, Maria da Glória. A função memorial dos acervos em tempos digitais. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Filologia, críticas e processos de criação**. Curitiba: Appris, 2012. p. 119-126.

BORGES, Rosa *et al.* **Edição do Texto Teatral na Contemporaneidade**: metodologias e críticas. Salvador: Memória e Arte, 2021. disponível em: https://www.memoriaarte.com.br/_files/ugd/d9b288_b5e2af4f7f994f67b5f050097921520d.pdf. Acesso em: 03 set. 2023.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa *et al.* **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. disponível em: http://base.nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_Ei_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. **Recortes de jornal**: da prática social aos arquivos. 2018. Tese (doutorado em História

Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde#04042019-125418/pt-br.php>. Acesso em: 19 jul. 2022.

CARVALHO, Rosa Borges Santos. A Filologia e seu objeto: diferentes Perspectivas de Estudo. **Philologus** – Revista do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, ano 9, n.26, Rio de Janeiro. 2003. disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4867954/mod_resource/content/3/CARVALHO_RosaBorges_FilologiaEseuObjeto.pdf. Acesso em: 17 ago. 2023.

CEdRAZ, Jonicael. Apresentação. In: SANCTIS, Lúcia Di. **A formiguinha professora**. Salvador: APUB, 1997. p. 3.

DOUXAMI, Christine. Teatro negro: a realidade de um sonho sem sono. **Afro-Ásia**, Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2001. p. 313-363. disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FRANCO, Aninha. **O teatro na Bahia através da imprensa: século XX**. Salvador: FCJA; COFiC; FCEBA, 1994.

GONZALEZ, L; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

HANSTED, Talitha Cardoso; GOHN, Maria da Glória. Teatro e educação: uma relação historicamente construída. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 30, p. 199-220, jan./abr. 2013. disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3424>. Acesso em: 17 ago. 2023.

LAUDO CENSÓRIO. Brasília, 27 jan. 1969a.

LAUDO CENSÓRIO. Brasília, 24 jan. 1969b.

LE GOFF, Jacques. documento e Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: EdUNICAMP, 1990. cap. 10, p. 462-473.

LEAL, Thiago Marques; ROSSI, Ednéia Regina. História do teatro-educação como cultura escolar e sua institucionalização como disciplina (1961-2016). **Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES**, Vitória, v. 22, n. 52, p. 132-146. disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/33823/22573>. Acesso em: 10 jul. 2023.

LEÃO, Raimundo Matos de. **Transas na cena em transe**: teatro e contracultura na Bahia. Salvador: EdUFBA, 2009.

MARCELO, Robério. Sobre a autora. In: SANCTIS, Lúcia Di. **A formiguinha professora**. Salvador: APUB, 1997.

NASCIAMENTO, A. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, jan./abr. 2004. disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9982/11554>. Acesso em: 10 jul. 2023.

RIBEIRO, Robério Marcelo Rodrigues. **Lúcia Di Sanctis**. [Entrevista cedida a] Débora de Souza. Salvador, 27 maio 2021.

SANCTIS, Lúcia Di. **A formiguinha professora**. Salvador: APUB, 1997.

SANCTIS, Lúcia Di. **A formiguinha professora**. 1977, 18 folhas.

SANCTIS, Lúcia Di. **A formiguinha professora**. 1969, 24 folhas.

SOUZA, Débora de. Materialidade, Texto e Censura: leitura crítico-filológica do texto “A Formiguinha Professora”, de Lúcia Di Sanctis. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 25, 2022, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**, 2022 v. XXV, p. 438-453. disponível em: http://www.filologia.org.br/xxv_cnlf/cnlf/tomo02/34.pdf. Acesso em: 05 mar. 2023.